

ESPAÇO, TEMPO E SEUS DESDOBRAMENTOS NA OBRA DE RAFAEL PAGATINI

Luísa Kiefer

...a nossa experiência diária parece mostrar que nos constituímos como seres que se deslocam pela vida, com a única certeza da incerteza do caminho, carregando em nossos corpos e memórias as marcas do tempo e de tantos outros deslocamentos.
Pagatini¹

Rafael Pagatini é artista, professor e pesquisador. Pensa e escreve sobre o seu fazer e sobre os meios e suportes que utiliza com o cuidado que prepara as imagens para imprimir suas gravuras. Podemos ler, com igual poesia e fluência, um quadro ou um texto seu. Reflexão e produção andam juntas, se constroem a partir do seu olhar e pensar nas séries *Brumas* (2009-2012), *Passagem* (2012) e *Conversas com a paisagem* (2013).

Independentemente do suporte escolhido, xilogravura, retícula de furos sobre tela de linho, ou a construção de uma narrativa em forma de livro, a produção de Pagatini tem o mesmo ponto de partida: o registro fotográfico de uma paisagem. Esse registro marca não uma escolha aleatória, mas um espaço que encerra, no instante fotográfico, um período de tempo. Em quase todas as suas séries essa escolha está ligada também a suas memórias e afetos, àquilo que carrega consigo em seu imaginário. A fotografia, para ele, “carrega em seu interior a relação entre a perda e a permanência como seu principal paradigma”.² Ou, ainda, “acompanhando as transformações e rupturas presentes no pensamento artístico, a fotografia apresenta-se como meio largamente utilizado pelas possibilidades de aglutinar vastas significações e reflexões na poética do artista”.³

A imagem capturada – carregada de significados inerentes – é, então, tratada no computador. Uma retícula é aplicada sobre ela, como forma de aproximar o olho do resultado final desejado. O próximo passo se desdobra nos diversos suportes ou diversas formas de marcar, de gravar uma imagem utilizados pelo artista. A transposição do computador para o suporte dá forma às gravuras, que muitas vezes tocam o espectador, em um primeiro momento, por sua manualidade.

Quando nos aproximamos de uma de suas obras, vemos primeiramente esse esforço manual: os entalhes da madeira (série *Brumas*) ou os furos da tela (série *Passagem*). A retícula criada por Pagatini nos permite formar uma imagem nítida à medida que nos afastamos da obra, desvelando-a. Vemos o instante

registrado pelo artista e podemos ser transportados para essa paisagem, que nos coloca diante da reflexão sobre o tempo e o espaço. Nesse contexto, é importante compreender como a poética do artista mistura-se à voz que narra e escreve; à voz que observa e registra através da gravura; e, mais especialmente, à voz de quem lê ou contempla uma de suas obras e com a do próprio autor.

Tempo e espaço

Formado em artes visuais pela Universidade do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, com mestrado em Poéticas Visuais pela mesma universidade, Pagatini atualmente é professor da Faculdade de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. É natural de Caxias do Sul, cidade localizada na Serra Gaúcha. Cresceu muito próximo ao ofício do pai, que era marceneiro. A familiaridade com o material lhe rendeu a trajetória pela xilogravura, que logo se expandiu para as outras formas de gravar imagens.

Pagatini mudou-se para Porto Alegre a fim de cursar a faculdade. Desse momento em diante passou a se deslocar com frequência entre as duas cidades. Logo outros deslocamentos também passaram a fazer parte de sua rotina. “Esses deslocamentos, para mim, sempre me colocaram em contato com o pensamento de como estas paisagens denotam uma memória, a partir do que acontece nesses espaços”.⁴ Ao andar entre cidades e perceber as paisagens que se transformam, o artista cria sua própria memória e seu próprio imaginário. Suas impressões ficam marcadas sobre uma paisagem que se transforma com o passar do tempo, da mesma forma que nos transformamos, como seres humanos, com o passar desse mesmo tempo.

Estamos imersos no tempo, em algo que foge à nossa compreensão, e com a certeza de que

*nascermos e nos direcionamos para algo que transcende a barreira da nossa reflexão. Ali nos encontramos com a origem e com o regresso ao nada, ao vazio, à ideia de que passamos pelo mundo e vamos paulatinamente nos transformando.*⁵

Através da sua produção, Pagatini compartilha com o espectador seu trajeto interno, narra sua reflexão, nos presenteando com suas observações sobre o transcorrer do tempo, sobre a formação do imaginário e sobre o tempo interno do silêncio e do sentir.

*Minha produção plástica se estrutura a partir de estampas xilográficas que possuem, em seus procedimentos e processos, um amálgama de relações que sugerem temporalidade e movimento. Mas de que forma isso se materializa no trabalho? Como uma imagem estática pode indicar a percepção de um deslocamento? Refletir sobre o tempo, mais do que apontar formas de ordenarmos o processo de criação, promove a própria constituição do trabalho.*⁶

De acordo com o artista, é através de imagens que incitam processos de transformação que ele busca criar relações com a percepção do tempo. O espaço aparece como o lugar em que ele transcorre, em que podemos perceber sua passagem. O tempo, apesar de intangível, está sempre presente. Nossa existência se dá em um período dentro de um tempo que não temos como medir. A única forma de mensurá-lo é submetendo-o a uma delimitação, a um espaço, como o artista faz ao capturar em um instante fotográfico uma paisagem: “o tempo como movimento físico dos corpos e o tempo através da ideia de “instante” imaginativo, onde ocorre uma suspensão do movimento”.⁷

Então, como perceber esse tempo, como marcar,

como registrar, como passar e assimilar as mudanças que ocorrem interna e externamente? Onde ficam estes registros e que forma eles têm? Como o tempo ocupa esse espaço de deslocamento? A transformação da paisagem, para Pagatini, é uma das demonstrações da passagem do tempo. Bem como é também a marca da ação do homem, do desenvolvimento, da mudança trazida pelas transformações sociais. Esses questionamentos aparecem em sua obra não de forma clara ou explícita, mas de forma poética, traduzidos em imagens, impressões das percepções do artista, que ao mesmo tempo em que olha para si, olha para fora. Procura o eu a partir do outro.

Deslocamento e silêncio

Na série *Passagem*, realizada em 2012, a janela do ônibus marca o lugar de onde o artista captura o momento. Nos insere no cenário em que está a imagem que marca o deslocamento, trazendo à tona nossas próprias lembranças. Já em *Brumas*, série composta por xilogravuras de diferentes paisagens de Caxias do Sul, Pagatini utiliza madeira de demolição de casas que eram parte do cenário de seus deslocamentos.

Deslocar-se significa ir de um ponto a outro. Percorrer pequenas ou grandes distâncias. Mover-se. Carregamo-nos de um lugar para outro. Registramos na memória as diferentes vistas, as diferentes luzes, os diferentes momentos em que estivemos com aquela paisagem, que assim como nós, também sofre a ação do tempo e recebe a ação do homem.

Pode-se observar uma casa que desapareceu, dando lugar a uma nova construção, um campo em que nasceram árvores, uma plantação que está em época de colheita ou que já foi colhida, uma estrada com seus diferentes contornos. As cores das estações mudam a paisagem, e com ela



Rafael Pagatini, detalhe da série *Passagem*, 2012

mudam as nossas percepções. Deslocar-se pelo espaço nada mais é – e não precisa ser – do que um profundo exercício de observação do tempo e desse espaço dentro do tempo.

O olhar do artista traduz a memória e a reflexão interna diante do observado. A imagem impressa marca um tempo específico. Registra, imprime, transpõe um momento preciso do registro da memória sobre aquele deslocamento, gravado para sempre no instante da fotografia.

O ato de observar costuma ser silencioso. O silêncio é o estado em que, paradoxalmente, nos permitimos, ou nos entregamos, ao barulho interno:

Observar e descobrir oferece a possibilidade da solidão oportuna, de identificar o silêncio

*primordial escondido entre os escombros do cotidiano e de sentir alívio ao perceber o quanto somos insignificantes perante o todo deste mundo, e de como, durante o mesmo tempo, ainda resta o tudo dessa insignificância.*⁸

Em *Conversas com a paisagem*, projeto realizado no âmbito da Bolsa de Estímulo à Produção Artística da Funarte, Pagatini se propôs a cruzar o Brasil nas mais diferentes direções, sempre de ônibus. Um exercício de observar e ouvir, os outros e a si mesmo, em relação ao que encontraria pelo caminho.

O projeto deu origem a um livro homônimo, composto por fotografias e textos reflexivos sobre o percurso. Os registros feitos por Pagatini são silenciosos. Carregam um momento de contemplação que apenas o silêncio permite.

Nos textos que fazem parte do livro, Pagatini compartilha com o leitor ou espectador justamente esse silêncio interno. E o faz com generosidade e sinceridade raras. Como transpor

o pensamento mais íntimo? A reflexão mais pessoal a respeito de um lugar, do passar do tempo, de uma história, da transformação da paisagem? Como traduzir em palavras essa voz interna que apenas aparece quando estamos em silêncio? E aparece apenas de nós para nós mesmos? Logo na primeira página, o artista capta o leitor com uma escrita do pensamento. Uma história que começa a ser narrada e que podemos lê-la em voz baixa, como se fosse a voz de nossa própria consciência, de nosso próprio pensamento falando:

*Da janela redescubro momentos esquecidos, mas que por alguns instantes emergem de algum local incerto e são revividos com toda a intensidade. Ao mesmo tempo, pequenos traumas ressurgem, sinto a doce e amarga admiração que me sobrevém quando relembro dos tempos da adolescência e de como estou envelhecendo. Através da janela, observo lembranças e escuto todas as vozes surdas que povoam meus pensamentos.*⁹

Rafael Pagatini, *Neblina*, 2010, xilogravura, 200 x 70cm, ed. 6





Rafael Pagatini, *Conversas com a paisagem*, 2013, percurso entre Gandu e Vitória

A obra de Pagatini nos leva a mergulhar no universo particular da intimidade do pensamento do artista. No entanto, aos poucos, descobre-se que a sensação de intimidade é causada por encontrar em suas reflexões esse espaço do outro. Um outro, que sou eu, que também se desloca, que também percebe, que também grava, que também cresce e envelhece.

NOTAS

1 Pagatini, Rafael. *Marcas e transposições da memória: reflexões sobre procedimentos utilizando a gravura*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

2 Pagatini, Rafael. A fotografia como alegoria do outro. *Revista-Valise*, Porto Alegre, ano 1, v.1, n.2, dez. 2011: 135.

3 Idem, *ibidem*: 140.

4 Pagatini, Rafael. *Conversas com a paisagem*. Vitória: Edufes, 2013.

5 Pagatini, 2012, op. cit.: 38.

6 Pagatini, 2012, op. cit.: 32-33.

7 Pagatini, 2012, op. cit.: 37.

8 Pagatini, 2013, op. cit.

9 Pagatini, 2013, op. cit.

Luísa Kiefer é mestre em história, teoria e crítica de arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dedicou-se a pesquisar sobre a figura do jovem artista no sistema das artes. Formada em jornalismo pela PUCRS, colaborou, entre 2008 e 2013, com revistas e sites de cultura e artes, como *Aplauso*, *Dasartes*, *Urbe* e *PEK*. Em 2013, foi assistente de curadoria da 9ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre.